



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de inauguração do “Trem da Vale” e lançamento do Projeto de
Educação Patrimonial**

Ouro Preto-MG, 05 de maio de 2006

Meus companheiros amigos de Ouro Preto,
Meu caro Aécio Neves, governador do estado de Minas Gerais,
Minha querida companheira Marisa,
Meu caro ministro de Minas e Energia, Silas Rondeau,
Meu caro ministro Hélio Costa, das Comunicações,
Meu caro ministro Waldrido dos Mares Guia, ministro do Turismo,
Meu caro ministro Luiz Dulci, ministro-chefe da Secretaria da
Presidência da República,
Nilmário Miranda, ex-ministro, secretário especial de Direitos Humanos,
Meu caro Fernando Pimentel, prefeito de Belo Horizonte,
Meu caro Angelo Oswaldo Santos, prefeito de Ouro Preto,
Meu caro Celso Cota, prefeito de Mariana,
Nosso querido Roger Agnelli, diretor-presidente da Companhia Vale do
Rio Doce,
Deputados e deputadas presentes a este ato,

Meu caro Prefeito de Ouro Preto, quero primeiro lhe comunicar que no seu discurso você falou que estava sendo estudada a extensão de uma faculdade de medicina para Ouro Preto. Eu posso lhe dizer, Prefeito, que essa faculdade já está aprovada, que logo, logo, os estudantes de Ouro Preto não precisarão ir a São Bernardo estudar medicina, estudarão aqui mesmo.

A segunda coisa é para os companheiros que estão aqui. A verdade nua e crua é que um povo que não conhece a sua história é um povo mais



fragilizado politicamente, intelectualmente e culturalmente. E no Brasil, muitas vezes, uma parte da elite brasileira gosta de viajar para a Europa e gosta de enaltecer os castelos europeus, gosta de enaltecer os museus na Europa. Mas, quando chega no Brasil, onde um prefeito, um governador, um presidente da República diz que vai gastar 50 centavos para recuperar um Próprio histórico, eles falam contra e, muitas vezes, criticam abertamente.

E aqui no Brasil as pessoas costumam baixar o nível e dizer o seguinte: “É, mas está gastando 50 mil no trem, daria para fazer 10 casas populares e cinco não sei o que lá, 6 não sei o que lá”. Como se não tivesse uma importância extraordinária essa viagem que nós fizemos de trem, hoje, de Mariana para cá, que Deus queira que vocês, esta semana, possam andar. Eu sei que o povo da comunidade vai andar de graça, os turistas vão pagar um pouco. Mas é uma viagem excepcional, e foi irresponsabilidade histórica de todos os governos que passaram por este país, independentemente do partido, que deixaram esta ferrovia virar um ferro-velho.

Na verdade, é um marco histórico. Aécio, Minas Gerais ganha, de forma extraordinária, mais respeito no mundo do turismo quando apresentar, e certamente o Walfrido já fez um filme, você já deve ter feito outro, e já vão mandar para o mundo inteiro. Qualquer turista, pode ser alemão, inglês, francês, turco, sueco, argentino, qualquer um que ver esta ferrovia vai dizer: “Esse povo brasileiro é muito do porreta. Esse povo brasileiro é muito competente”.

Mas não é apenas essa estrada. O José Alexandre, da Agência de Transportes, me dizia agora o seguinte: são, ao todo, no Brasil, 30 ferrovias que estão sendo reconstruídas, 30 ferrovias turísticas, das 30, 18 já estão prontas. Uma delas é essa que nós andamos hoje, a outra de São João Del Rei a Tiradentes, e tem mais quatro em estudo aqui, em Minas Gerais.

Nós temos, meu caro Governador, de São Lourenço a Soledade de Minas; nós temos estudo de Passa Quatro a Coronel Fulgêncio; nós temos



estudo de Santa Bárbara a Barão de Cocais; e nós temos estudo de Barra Mansa a Ribeirão Vermelho. São mais quatro ferrovias aqui no estado de Minas Gerais, que estão em estudo, para que a gente transforme essas ferrovias em ponto de atração turística e transporte coletivo mais fácil e mais barato para o povo do nosso país.

Logo, logo, nós vamos convidar os brasileiros para viajarem conosco na ferrovia do Pantanal. É uma ferrovia que passa no Pantanal brasileiro, que estava totalmente abandonada, deteriorada, depredada, e nós estamos consertando para dar ao povo brasileiro o mínimo de orgulho que a gente sente quando viaja para outro país e visita um museu ou uma coisa bonita.

Mais ainda, o nosso querido Roger Agnelli sabe que houve um tempo em que o Brasil não estava produzindo nem trilho mais, a gente não produzia mais vagões. Quando nós tomamos a decisão de recuperar as ferrovias, só para vocês terem idéia, só em São Paulo estão hoje produzindo 10 mil vagões, uma grande parte deles encomendadas pela Companhia Vale do Rio Doce. Então, voltou a funcionar a fábrica que produz dormente, voltaram a funcionar as fábricas que produzem trilho, voltaram a funcionar as fábricas que produzem vagões. Lá, em Sumaré, em São Paulo, está voltando a funcionar uma fábrica de produção, de construção de locomotiva, e o Brasil voltou a dizer ao mundo que o transporte ferroviário é peça fundamental na matriz do sistema e do modelo modal de transporte que nós queremos fazer para este país.

O Roger, que trata muito bem de ferrovias, sabe que nós vamos logo, logo, resolver o problema da ferrovia lá em São Paulo, um gargalo no Porto de Santos. Depois nós vamos fazer a ferrovia Norte-Sul, que estava paralisada há algum tempo, e vamos começar a fazer a ferrovia Transnordestina, ligando quatro estados do Nordeste, o Porto de Suape, em Pernambuco, ao Porto de Pecém, no Ceará, uma ferrovia de mil e 800 quilômetros, numa situação extraordinária.



Pois bem, meus companheiros e companheiras, vocês estavam vendo eu e o Aécio cochichando ali, enquanto as pessoas estavam falando, eu estava dizendo para o Aécio que a parte pior dos atos que a gente faz são os discursos, é verdade. Quando a gente terminou esta viagem do trem, deveria ter uma festa, deveria ter uma mesa de feijão tropeiro, de pururuca. Eu não vou dizer nem uma “Havana”, alguma concha de Salinas, não vou nem dizer uma..., não vou dizer, porque senão vão dizer que estou induzindo os ministros a tomarem uma caninha, não vou.

Mas, olha, de coração, foi aqui em Ouro Preto que nós tomamos a decisão, no dia 21 de abril de 2003, de recuperar esta ferrovia. De lá para cá, fizemos reuniões com a Agência Nacional de Transporte, e, se Deus quiser, num curto espaço de tempo, todas as ferrovias turísticas brasileiras estarão recuperadas, e um grande sistema de transporte intermodal – combinando ferrovia, hidrovia e rodovia – vai permear o Brasil, quem sabe tornar os nossos produtos mais baratos. Minas Gerais vai crescer um pouco mais.

E Minas Gerais, ao crescer, vai ter que tomar uma decisão, porque eu vejo muita gente falar o seguinte: “porque aqui nasceram, aqui moraram os inconfidentes”. Inconfidentes para quem, cara pálida? Para quem que Tiradentes era inconfidente? Ele era inconfidente para a Coroa Portuguesa. Para nós, na verdade, eles eram os revolucionários que lutavam pela independência do Brasil, para que a riqueza produzida nesta região ficasse aqui. Eu acho que, quem sabe este seja um bom tema para que os nossos historiadores comecem a discutir daqui para frente. Porque, vejam, ele foi um homem que pensou na independência do Brasil. Foi morto, esquartejado, salgada a sua carne, mas as idéias dele continuaram. Trinta anos depois, o milagre que ele tentou produzir foi feito por D. Pedro. E, se você não sabe, meu caro Governador, lá em São Bernardo tem estrada real. Lá em São Bernardo tem a estrada velha de Santos onde tem a casa da Marquesa de Santos. D. Pedro descia a serra para se encontrar, na metade do caminho, com a



Marquesa de Santos. E está lá a casa recuperada também. Tem a estrada Piratininga, por onde subiam os burricos trazendo comida para os garimpeiros que trabalhavam aqui em Ouro Preto. A Estrada Real é mais longa do que Vossa Excelência imagina, muito mais longa. Vai chegar em Garanhuns um dia. Foi o nosso D. Pedro que, em outubro de 1810, criou a Comarca de Garanhuns. Portanto, lá também deve ter um pedaço da Estrada Real. No mais gente, de coração, eu não sei se a juventude já andou nesta ferrovia, mas se vocês fizerem esse passeio, vocês vão ficar muito mais orgulhosos da região de vocês do que vocês já são hoje.

Que Deus abençoe vocês, muito obrigado a todos que trabalharam para que a gente pudesse concretizar este projeto e obrigado, pessoalmente, ao Roger Agnelli, presidente da Vale do Rio Doce.

Um abraço.